

# “Cientistas não esperam pelo conhecimento”: entrevista com o professor Gilson Volpato\*

Essa edição publica trechos de uma conversa que tivemos com Gilson Volpato, professor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” em Botucatu (UNESP/Botucatu), reconhecido no país inteiro por seus cursos e livros sobre redação científica.

No início desse ano, a equipe da Revista Agrogeoambiental e da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação viabilizou a vinda do professor Gilson Volpato para que ministrasse um curso de redação científica no câmpus Muzambinho do IFSULDEMINAS. Finalmente, na manhã da segunda-feira 4 de março, quase cem pesquisadores se reuniram para as 8 horas de um proveitoso curso durante o qual o professor Gilson Volpato explicou a lógica da redação científica e quais as precauções para quem pretende publicar em revistas internacionais de alto impacto.

Após o curso, o editor chefe da Revista Agrogeoambiental e Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFSULDEMINAS, professor Marcelo Bregagnoli, encontrou-se com o professor Gilson para um bate papo sobre ciência, ensino de ciência e publicação.

Abaixo estão trechos condensados da conversa. O vídeo com a versão integral pode ser conferido em <http://youtu.be/F998FCrn6Qk>

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: Qual o objetivo do seu curso de redação científica, o que ele poderá trazer para nossa produção científica?**

GILSON VOLPATO: A ideia do curso é esclarecer como entender e como narrar ciência. O curso de hoje durou oito horas. É evidente que algo tão curto não esgota o assunto, mas a pessoa pode perceber a lógica da redação científica, e isso pode iniciar um processo de aprendizagem. A ideia é que o curso faça isso, mas ele não faz isso da mesma forma com todas as pessoas.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: Nunca é tarde para aprender redação científica, ou o senhor acredita que há um limite, um ponto a partir do qual não vale mais a pena?**

GILSON VOLPATO: O importante é a pessoa mudar para melhor, em qualquer idade. Conheço profissionais em postos altos, como pró-reitores, que mudaram radicalmente seu modo de entender e fazer ciência após participar de um curso que ministrei. É gratificante saber que o curso produz efeito. Um indivíduo mais experiente pega mais fácil, ele avança mais do que um iniciante. O jovem demora um pouco mais porque ele precisa de tempo, de vivência.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: Mas e os cacoetes que esses profissionais experientes já trazem?**

GILSON VOLPATO: Esses cacoetes complicam. Se as pessoas não soubessem nada, seria mais fácil ensinar. Fica difícil porque elas já sabem alguma coisa, e sabem errado. Então você precisa convencer que algo é errado, dizer os motivos. Mas muitas pessoas podem estar arraigadas aos erros.

\* Gravação por Joarle Magalhães Soares. Transcrição e edição por Camilo Oliveira Prado.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: Por que é tão difícil aprender redação científica?**

GILSON VOLPATO: A grande dificuldade está na prática. A pessoa assiste a um curso de um dia e fica dois anos ouvindo de alguém para fazer o contrário. Não vai ter jeito. Essa pessoa vai esquecer o curso e vai fazer o contrário.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: Como lidar com essa dificuldade?**

GILSON VOLPATO: Recomendo lembrar o curso, através do meu site <http://www.gilsonvolpato.com.br> ou meus livros. Mas o mais importante é usar a ótica do curso para analisar trabalhos científicos. Se uma pessoa fizer isso com o próximo artigo que for ler, ela vai gravar as ideias do curso. Se esperar seis meses para começar a pensar no que ouviu aqui hoje, então essa pessoa vai ter dificuldade. Tem que pôr em prática.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: O IFSULDEMINAS, como os demais institutos federais, enfrenta o desafio de ensinar ciência ao aluno do ensino médio, inclusive através de programas de iniciação científica. Como ensinar ciência para esse aluno, como despertar o gosto pela redação científica?**

GILSON VOLPATO: Acho que não vale a pena focar em redação científica no ensino médio. O que importa para o aluno de ensino médio é aprender pensamento científico. Eu tenho um sonho, e ainda vou realizar, e esse sonho é de trabalhar com alunos do ensino fundamental e médio para desenvolver neles o raciocínio científico. Eu acredito que, se a nossa sociedade pensasse mais cientificamente, teríamos uma sociedade melhor, independente de a pessoa decidir ou não ser um cientista. Talvez não tenha sentido aprender a redigir um texto científico no ensino médio, mas se esse aluno aprender a pensar com crítica, aprender a ler textos e criticar textos através do básico da abordagem científica, isso já seria um ganho imenso para nossa sociedade.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: Não é incomum que cursos de pós-graduação stricto sensu, como mestrados e doutorados, tenham disciplinas de introdução à ciência, ou mesmo metodologia científica. Esse ensino de ciência, de redação científica na pós-graduação, está adequado?**

GILSON VOLPATO: Não, não está. Eu deixo isso bem claro no meu livro “Ciência: da filosofia à publicação”: nossa pós-graduação não está formando cientistas. Ela está formando especialistas em pesquisar e publicar. Ela está formando pesquisadores. Não está formando cientistas. Claro que há exceções, mas estou falando do geral. E, no geral, a pós-graduação no país está formando muito mal. Muitas vezes o indivíduo entra na pós-graduação com um projeto que ele recebeu pronto, ou seja, ele não participou de um momento importante que é descobrir qual a pergunta interessante, qual o objetivo do trabalho. Ele não planejou a pesquisa. O indivíduo pega o bonde andando, fica com um monte de dados na mão, e na hora de redigir um artigo é um desespero, pois ninguém ensinou como escrever ciência.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: Qual perfil deveria ter o pós-graduando? Como seria o perfil do cientista?**

GILSON VOLPATO: O cientista não é aquela pessoa que vê uma hipótese, vai lá, testa e publica o que aconteceu. Um cientista deveria ser formado por várias áreas. Da filosofia, ele teria que saber

epistemologia, lógica, ética e filosofia da ciência. Ele teria que conhecer história da arte porque a história da arte reflete a história do pensamento humano visto pela ótica da arte, e um cientista deve entender o que a ciência faz em relação a outras formas de conhecimento. Administração, comunicação, análise de sistemas... São vários itens que se combinam para formar o cientista como um profissional mais amplo. Ele tem que conhecer um ponto fundamental: a história da educação no Brasil. Porque ele vai ser um educador. Claro que o cientista não precisa dominar esses assuntos tão profundamente quanto um filósofo, um historiador ou um artista. Mas começa aí a formação do cientista. Ele tem que ter ser um indivíduo mais amplo.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: O cientista tem que ser capaz de ir além de sua área de especialização...**

GILSON VOLPATO: Sim, muitas vezes o aluno de pós-graduação executa o pedaço de uma pesquisa maior, mas ele não é um indivíduo que discute questões do mundo, ele não vai bolar uma teoria ampla. E isso é importante porque amanhã esse aluno de pós-graduação pode estar no poder, talvez dirigindo uma universidade, e que indivíduo será esse? Provavelmente um técnico especializado que pode enterrar a universidade.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: Muitos estudantes trazem para o ensino superior falhas de aprendizagem do ensino fundamental. Se considerarmos essa base fraca, como ensinar redação científica na graduação?**

GILSON VOLPATO: É um desafio. Dou aula na minha especialidade, e também de metodologia. Acho que se o professor não fechar as portas para os alunos, ele já terá feito uma grande coisa. Se ele estimular os alunos a se aprofundarem na área, excelente. A pessoa para ser cientista tem que ser autodidata, mas precisa ter vontade. Como o professor vai passar essa vontade para os alunos se muitas vezes nem ele tem? Essa dicotomia entre ensino e pesquisa acontece porque o professor vai dar aula porque não consegue fazer pesquisa e o pesquisador vai fazer pesquisa porque não gosta de dar aula. Aquele que vai ensinar ciência é aquele que não faz ciência e o que faz ciência acaba não ensinando ou não gosta de ensinar. É necessário que as pessoas façam ciência e queiram ensinar. Para isso tem que ter paixão por ensinar, e tem que ter paixão por ciência. E isso o professor não passa para o aluno através da fala... O aluno sente. O professor tem que ser genuíno.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: E como o senhor ensina metodologia científica?**

GILSON VOLPATO: Há dinâmicas que o professor pode usar para ensinar o aluno a ser crítico. Eu vou começar meu curso de metodologia científica na UNESP/Botucatu amanhã. E faço da seguinte forma: As aulas estão na internet e os alunos assistirão conforme um cronograma. Em sala de aula eles vão debater. E terão dois projetos para entregar no final. Um é um projeto de pesquisa e o outro é uma análise crítica de um artigo científico publicado. Essa é a prova. Os alunos têm o curso inteiro para fazer isso. Então eles vão atrás e fazem. Temos que treinar as habilidades lógicas dos alunos. As pessoas confundem treinar ciência com treinar técnicas. Técnica você aprende rápido. Agora, a lógica do raciocínio é demorada.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: É uma estratégia de atividade para os alunos. Sem isso as salas de aula continuarão estimulando a apatia dos estudantes...**

GILSON VOLPATO: Temos que acabar com aquela visão de que o aluno tem que ficar sentado, e que o professor vai colocar conhecimento na cabeça dele. O aluno deve entender que ele tem que ir atrás do conhecimento. Cientistas não esperam pelo conhecimento. E como é nosso ensino? O aluno passa de 30 a 40 horas por semana assistindo aula, sempre sentado. Como esse ambiente vai criar um cientista? Os alunos das melhores universidades do mundo ficam de 8 a 14 horas por semana em sala de aula. O resto do tempo é ocupado por projetos.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: Mas isso é só na pós-graduação?**

GILSON VOLPATO: Não, isso é em qualquer nível.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: Talvez o problema no Brasil esteja na falta de tutores, de pessoas que ensinam ciência.**

GILSON VOLPATO: Temos pesquisadores tentando formar cientistas. Professores tentando formar cientistas. Precisamos de cientistas formando cientistas. A fórmula não é fechada, mas é simples. Meu orientador nunca me deu aula sobre como é que faz ciência. Mas ele fazia ciência, a universidade era a vida dele, e eu ficava junto, e acabei absorvendo a ideia.

## **REVISTA AGROGEOAMBIENTAL: Quero então agradecer essa oportunidade de falar com o senhor. Seu curso de redação científica ajudará o IFSUL-DEMINAS a subir um pequeno degrau para um ensino mais integrado com pesquisa e extensão.**

GILSON VOLPATO: Agradeço também por essa conversa. Aposto nesses grupos que começam dizendo que estão atrasados nessa ou naquela área, pois são esses grupos que podem fazer diferença. Talvez os outros estejam num degrau acima demais, e não vão conseguir mudar.